

O Salto Qualitativo: uma análise.

Em *The Qualitative Jump* é descrito e analisado um conjunto de atributos (capacidade de alcance, capacidade adicional de processamento, equidade de acesso, custos de acesso) para os diferentes tipos de tecnologias de informação, através da sua evolução histórica. Com base nessa análise, conclui-se que existe uma correlação directa entre as características inerentes de cada um dos diferentes meios de comunicação e a sua capacidade de permitirem, ou não, a troca directa de informação entre os diversos intervenientes, em processos de participação pública e de tomada de decisão. Conclui-se, nesse trabalho, que a *Internet* constitui um salto qualitativo, em relação às tradicionais tecnologias de informação, como um meio de comunicação facilitador da participação directa dos cidadãos em processos de participação pública e de tomada de decisão.

Num Estado democrático, em que se pretende assegurar e incentivar a participação democrática dos seus cidadãos na resolução dos problemas de interesse público, a facilidade de comunicação entre os interessados é um aspecto fundamental para a compreensão dos problemas, a expressão dos seus interesses, a avaliação das possíveis soluções alternativas, e a tomada de uma decisão justa que assegure o interesse público.

O desejo de comunicar, de se expressar, de ouvir, de se fazer entender e de perceber, de participar, faz parte do ser humano. A democracia participativa é o modelo ideal para o exercício do poder político e social, e que tem por base o debate público entre os cidadãos, em condições iguais de participação. A forma mais antiga e directa de participação tem na sua génese o debate presencial, traduzida no que se entende por democracia directa, onde o cidadão expressa a sua vontade por voto directo em cada assunto em particular. No entanto, enquanto tradução pura da democracia, esta forma de governo torna-se difícil de implementar quando o número de cidadãos, ou a sua dispersão espacial, é elevado, restringindo, em qualquer um dos casos, a eficiência e a eficácia da forma presencial de comunicação e de resolução de problemas.

Note-se que, tal como o era na Grécia Antiga, a *tecnologia* de comunicação então disponível para este tipo de debate presencial, em tempo útil e em condições de igualdade de participação, tem por base, essencialmente, a voz e a audição, limitadas somente pela distância entre os diversos intervenientes. Uma forma simples de expressar isto é dizer que voz humana, sem ser amplificada por um qualquer outro meio não natural, possibilita, na sua essência, a democracia directa, caracterizada como uma estrutura de comunicação de muitos-para-muitos. No outro sentido, os meios tradicionais de comunicação (imprensa, radio, televisão), tendo em consideração a dimensão dos limites espaciais de um Estado e a dispersão dos seus cidadãos nesse espaço, torna difícil a democracia directa e participativa mas ajusta-se a servir outras formas de democracia – a democracia representativa, na qual os cidadãos expressam a sua vontade através da eleição dos seus representantes para que estes tomem as decisões em nome daqueles que os elegeram.

Este modelo de comunicação, mais propriamente de transmissão, de um-para-muitos, não é, pela sua própria constituição, um modelo equilibrado que permita o debate aberto e universal entre cidadãos, em condições iguais de acesso e de participação. Mesmo, tal como se tem generalizado, mais recentemente, nos meios tradicionais de comunicação de massas em que os ouvintes, ou leitores, (os muitos) pode-lhes ser permitido participar, comunicando com o emissor as suas opiniões, em geral, essa forma de participação condicionada limita-se, presentemente a pequenas intervenções, definidas como comentários ou direito de resposta, não deixando, contudo, de estar subjacentes à estrutura de participação e de acesso característicos de um modelo de democracia representativa e consistente com as limitações intrínsecas deste tipo de meios de transmissão de informação.

Relativamente aos meios tradicionais de transmissão de informação, a Web, tendo como suporte de comunicação a Internet, emerge como um novo paradigma, de ruptura, que pretende repor o ideal de participação aberta e universal, e inerente a um modelo de comunicação de muitos-para-muitos – a configuração de uma teia. Tal como Berners-Lee a descreve “*a Web evoluiu para uma ferramenta poderosa e ubíqua porque foi construída com base em princípios igualitários ... a Web deve ser como uma folha de papel em branco: pronta para ser escrita, sem nenhum controle sobre o que está escrito. ... o objectivo da Web é servir a humanidade ... na Web – um espaço interligado de informação - não é preciso obter a aprovação de uma autoridade para se adicionar uma página ou se estabelecer uma ligação para outra página*”.

Uma das tendências dominantes nos meios de comunicação, de base digital, é a convergência. A convergência refere-se ao desmoronamento das fronteiras relativamente aos domínios de acção entre os diferentes tipos de meios de comunicação. Recorrendo-se à tecnologia digital podem-se usar simultaneamente vários meios de comunicação, em diferentes tipos de dispositivos (*smartphone, tablet, computador pessoal*). Por exemplo, com um *smartphone*, pode-se interactuar na web, aceder, ler e anotar um livro, fazer e receber chamadas, ouvir radio, ver programas de televisão, receber e enviar mensagens de texto, imagens, áudio e vídeo, simultaneamente, de e para diversas pessoas, localizadas em qualquer lugar do mundo. Claramente, a digitalização da informação e a tendência para a convergência esbatem as diferenças que distinguem os diferentes tipos de comunicação, de tal modo que as percepções assumidas relativas a estes meios de comunicação precisam de ser reavaliadas. Contudo, é necessário estar atento ao fenómeno de convergência dos meios de comunicação, como uma forma de concentração dos meios de comunicação, e de segmentação da Web, que podem, inclusivamente, arruinar a concepção e a constituição da Web como um espaço interligado de informação onde não é preciso obter a aprovação de uma autoridade (pseudo-pública ou privada) para se adicionar uma página ou se estabelecer uma ligação para outra página.

Num outro sentido, se na Web a informação pode estar disponível por todo o lado, como uma folha de papel em branco, pronta para ser escrita, sem nenhum controle sobre o que está escrito, o conhecimento daí gerado só deve ocorrer a partir de uma análise crítica e organizada dessa informação circulante, seleccionando-a, discutindo-a, refutando-a, impondo uma ética à informação, criando confiança nessa informação. De outro modo, a Web deixa de ser um espaço interligado de informação para ser um

espaço desligado da informação. O problema da sociedade da informação não é já, ou só, o da ignorância, mas o da desinformação, o da informação inútil.

Embora a Internet pareça ubíqua, disponível a qualquer instante e em qualquer lugar, para a grande maioria da população mundial o acesso à internet, de uma forma economicamente possível, continua a ser uma dificuldade, e percebida como inacessível. Actualmente, e após 20 anos da sua disponibilização geral, em todo o mundo, somente entre um a dois bilhões de pessoas têm a possibilidade de aceder à Internet. Contudo, se se pretende melhorar a qualidade de vida da população mundial, permitindo o seu acesso à informação, à educação, à participação, a um conjunto de serviços públicos essenciais, é necessário que os outros cinco bilhões de pessoas, que constituem os níveis inferiores da pirâmide económica-social mundial, possam também ter acesso à Internet a custos compatíveis com a sua condição económica. Esta estratégia é fundamental para se combater a pobreza e as desigualdades políticas e sociais. Tal como refere Berners-Lee, *o objectivo da Web é servir (toda) a humanidade*.

Bibliografia

Berners Lee, T. (2010) "Long Live the Web: A Call for Continued Open Standards and Neutrality", Scientific American, 22 November 2010

Ferraz de Abreu, P. - *The Qualitative Jump* – Lecture Notes – ISCSP-UTL, Lisboa - 2011.

Medoff, Norman J. and Barbara K. Kaye - *Electronic Media, Then, Now, and Later*, Elsevier - 2011

Picot, Arnold and Josef Lorenz (Eds) - *ICT for the Next Five Billion People*, Springer-Verlag, Berlin - 2010